

# HEINRICH HEINE, CRÍTICO DO CAPITAL

**Marcelo Backes**

“– *Pense com a cabeça Heine, não com o coração!*” “  
– *Eu penso com o pescoço, Marx...*”

Do diálogo entre Heine e Marx no filme de Karl Fruchtmann  
*Heinrich Heine – A segunda expulsão do paraíso (Die zweite Vertreibung aus dem Paradies)*.  
ARD, Radio Bremen. 30.11.1983.

Em um dos *Fragmentos ingleses*, obra de 1828, Heinrich Heine descreve pela primeira vez – bem antes de Marx, que havia nascido em 1818 – a **mercadoria** na condição de **fetich**e maior da sociedade burguesa. O texto é o testemunho escrito e precoce de um poeta de talhe social, preocupado como nenhum outro antes dele com as relações entre arte e sociedade. O mesmo Heine pouco mais tarde declararia o fim do “período artístico” – sepultado com a morte de Goethe – e da noção de uma arte autônoma e apartada do mundo, defendendo uma estética preocupada com a realidade. Num tempo em que os poucos que ousavam bradar contra a ordem vigente se dividiam entre aqueles que gritavam “Libertai o Estado!” e aqueles que berravam “Libertai-vos a vós mesmos!”, Heine fez ecoar pela primeira vez o grito que unia as duas posturas: “Libertai o Estado, libertando-vos a vós mesmos!” Quase 20 anos mais velho do que Karl Marx, Heinrich Heine foi, também, um dos primeiros escritores a perceber a importância e a genialidade do jovem pensador alemão e futuro criador do socialismo científico. Mas os contatos entre os dois autores são bem anteriores ao grande encontro de 1843, em Paris...

## Afinidades eletivas

No começo do século XIX – Heine nasceu em 1797 – a modernização e a industrialização começavam a alcançar, enfim, também a Alemanha. As transformações políticas na França e a Revolução Industrial na Inglaterra passaram a interferir mais diretamente no atraso alemão. A grande indústria capitalista e sua produção mecanizada em massa invadiram e conquistaram a Europa continental, acabando com a manufatura. A exploração daí resultante fez com que alguns pensadores passassem a discutir uma sociedade na qual a propriedade privada, origem dessa exploração, deixaria de existir. Com o conceito de “fim do período artístico”, lavrado em *A escola romântica* e significativamente ligado ao conceito hegeliano do “fim da arte”, Heine elevou-se à posição de mentor dos tempos pré-revolucionários, anteriores a 1848. O debate crítico – mas acima de tudo produtivo – do poeta com Goethe e sua era sinalizou para um novo caminho na produção literária alemã. O ex-aluno e posterior crítico de Hegel assumia, assim, uma posição calculadamente ativa na literatura de seu tempo. Heine reestudou as teorias históricas de Hegel, voltando-se contra o pessimismo estético e apolítico vigente na época e contra uma crença abstrata na racionalidade da história, implementando o conceito de uma literatura combativa, crítica no que diz respeito à religião, marcada profundamente pelo subjetivismo, mas essencialmente materialista.

Já em *William Ratcliff*, peça escrita nos últimos três dias do mês de janeiro de 1821 – portanto três anos depois do nascimento de Marx –, Tom, um dos membros do bando de Ratcliff, divide os homens em duas nações, que se guerreiam selvagememente: “os fartos de

pança cheia e os que passam fome”.<sup>1</sup> Na mesma tragédia, Heine proclama que os sabichões e satisfeitos de seu tempo se protegem da ameaça dos gritalhões que passam fome sob o abrigo de um mar de leis. Nas *Cartas de Berlim* – pouco mais tarde, em 1822 – Heine já formula o princípio fundamental do materialismo, ao perguntar ao leitor se por acaso entendeu o significado de um almoço, para em seguida concluir que quem entendeu o que significa um almoço entendeu também o impulso fundamental da humanidade.

Heinrich Heine chegou a dizer que decidiu se mudar a Paris depois de ter ouvido um pescador da ilha de Helgoland alegar que os pobres haviam vencido com a revolução de julho de 1830. Diante do fracasso posterior do movimento antiabsolutista e da incapacidade geral dos diversos setores sociais na análise das conseqüências e da similaridade do processo social francês com o desenvolvimento da filosofia alemã, Engels limitou-se a comentar, em 1886: “Mas aquilo que nem os governos nem os liberais perceberam, pelo menos UM homem percebeu já em 1833, e ele se chamava Heinrich Heine.”<sup>2</sup> Engels referia-se à célebre frase de Heine em *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha*: “Nossa revolução filosófica acabou. Hegel fechou o grande círculo da mesma.” (B, 3, p. 636)

Nove anos depois de ter chegado à capital da França, em 1839, Heine descreve o eterno fracasso dos remediados conforme segue, num trecho de *Ludwig Börne, um memorial*. A semelhança com algumas passagens do *Manifesto comunista* – escrito outros nove anos mais tarde – é mais do que... manifesta:

Isso já é uma história pra lá de velha. Não foi para si, coisa que acontece desde tempos imemoriais, não foi para si que o povo sangrou e sofreu, mas sim em favor de outros. Em julho de 1830 ele alcançou e deu a vitória para a burguesia, que não vale nada assim como a nobreza, cujo lugar ela ocupou com o mesmo egoísmo, também não vale nada... O povo nada ganhou através de sua vitória a não ser arrependimento e uma miséria ainda maior. Mas podeis ficar convencidos de que se os sinos do temporal soarem mais uma vez e o povo puser mãos à escopeta, desta vez ele haverá de lutar por si mesmo, exigindo o pagamento merecido. (B, 4, p. 60)<sup>3</sup>

Junto com Balzac – mas antes dele –, Heine percebeu que arte e imprensa submetiam-se cada vez mais – e de maneira mais corrupta – às exigências mesquinhas do capital. Quando Heine diz, já em 1832, que “Casimir Périer<sup>4</sup> rebaixou a França para elevar o curso da bolsa”, (B, 3, p. 191) mostra que compreendeu, como nenhum outro escritor em sua época, a volatilidade – agressiva – do capital. E sobra ironia até mesmo para o prédio da Bolsa em Paris, que Heine diz ser construído no mais nobre estilo grego e consagrado ao menos digno dos negócios, o tráfico de papéis estatais. No texto “Heinrich Heine como poeta nacional”, Georg Lukács diz – nesse sentido – que Heine despreza o capitalismo sobretudo porque o sistema acaba com qualquer espécie de heroísmo, porque aniquila e macula toda real grandeza humana. A certa altura o crítico húngaro escreve:

Heine é o último grande poeta da época burguesa no qual todas as tendências do desenvolvimento social, aliadas na tentativa de criar uma concepção de mundo unívoca e omniabrangente, se reúnem, no qual a lembrança viva das obrigações da inteligência burguesa em seu papel de condutora ideológica do movimento revolucionário e social permaneceu viva.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> HEINE, Heinrich: *William Ratcliff*. Sämtliche Schriften. Organizado por Klaus Briegleb. Munique 1997, Volume 1, p. 353. A partir de agora apenas B (do organizador), número do volume e página. A tradução de todos os trechos, tanto os de Heine quanto os outros, é minha.

<sup>2</sup> ENGELS, Friedrich: “Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie”. IN: MEW, Volume 21, p. 265.

<sup>3</sup> Em *Ludwig Börne* – assim como em todas as suas obras –, Heine fala de si mesmo mais do que de qualquer outra coisa, mas desvela o mundo de sua época de modo admiravelmente preciso e grandioso, crítico e humorado, na mais bela prosa da língua alemã – as palavras são de Thomas Mann – antes de Nietzsche... O jovem Marx chegou a prometer – contingências inescrutáveis levaram-no a não cumprir a promessa – um prefácio a uma nova edição da obra e todo o apoio a Heine na polêmica contra os asseclas ensandecidos do republicano.

<sup>4</sup> Casimir Périer (1777-1832) era banqueiro e político. Heine chegou a freqüentar seus salões com assiduidade.

<sup>5</sup> LUKÁCS, Georg: “Heinrich Heine als nationaler Dichter”. In: *Deutsche Realisten des 19. Jahrhunderts*. Bern 1951, p. 113.

Em 20 de junho de 1842, quando Marx recém esquentava as máquinas de sua grandiosa produção, Heine escreveu em um dos ensaios de *Lutécia*,<sup>6</sup> depois de dizer que o verdadeiro herói da referida obra era o movimento social: “Comunismo é o nome secreto do antagonista terrível que opõe a soberania do proletariado, em todas as suas conseqüências, ao atual regime burguês. E o duelo entre os dois haverá de ser terrível.” (B, 5, p. 405)<sup>7</sup>

Desde cedo, pois, Heine viu que os comunistas se alinhavam em um partido digno de respeito, pleno de perspectivas e até mesmo necessário. Ele foi também o primeiro escritor alemão a analisar, profunda e extensivamente, o fenômeno do movimento das massas na primeira metade do século XIX. Não foi nem uma nem duas vezes – e mesmo temendo que as massas viessem a embrulhar café e tabaco nas páginas de seu *Livro das canções* – que Heine defendeu o direito de cada indivíduo ao alimento, dizendo que para esse fim admitia qualquer – **qualquer!** – meio... Também no combate ao nacionalismo estreito de seu tempo e à hipocrisia estupidificante e passivizante da religião, Heine e Marx ocuparam as mesmas fileiras, antes mesmo de se encontrarem no exílio. Heine chegou a ridicularizar o deísmo de Ludwig Börne – o republicano revolucionário – na figura caricaturesca do Sansão da novela *Das memórias do senhor de Schnabelewopski*. E no prefácio à edição francesa de *Lutécia*, escrito na cova de seus colchões, menos de um ano antes de sua morte – depois de sete anos sem ver o mundo fora de seu quarto – Heine ainda escreve:

Sim, o rebotalho dos descendentes dos teutômanos de 1815, que apenas modernizaram um tantinho seus velhos trajes de palhaços ultra-alemães, mandando aparar um pouco as orelhas... eu os detestei e lutei contra eles durante minha vida inteira; e agora que a espada cai às minhas mãos de moribundo, sinto-me consolado pela convicção de que o comunismo – uma vez que eles são os primeiros que estão em seu caminho –, haverá de lhes dar o golpe de misericórdia; e não será com uma paulada na cabeça, não; o gigante os esmagará com um simples pisão de seu pé, assim como se esmaga um sapo. [...] Hoje os nacionalistas e toda a corja dos asnos de 1815 voltaram a governar a Alemanha, e eles zurram com a permissão do senhor prefeito e das altas autoridades do país. Podem zurrar! Haverá de chegar o dia em que o pisão inevitável vos reduzirá a pó. Convicto disso posso deixar este mundo bem tranqüilo. (B, 5, p. 233-4)

Heine viu em Marx – e no comunismo – ,desde logo, um aliado na luta contra o concubinato entre a violência e o liberalismo nacionalista do regime prussiano. As paródias do poeta – secundadas pelo filósofo – à Prússia de 1848, comparada sem cessar ao atraso político e social da Idade Média, continuariam atuais em 1870, com a unificação politicamente retrógrada e militarista da Alemanha e, mais do que nunca, durante a catástrofe nazista, quase cem anos depois da morte do poeta.

Antes de Marx, Heine viu que com Hegel a filosofia alemã atingia um ponto em que todos os requisitos intelectuais para a revolução estavam à disposição, e que bastava apenas virá-la de ponta-cabeça e passar da filosofia – id est, da teoria – à ação, para acabar de vez com as formas degredadas do absolutismo feudal que ainda vigoravam na Europa, sobretudo na Alemanha. Lukács chega a dizer que toda a concepção artística de Heine é marcada por Hegel e que o poeta fez uso da filosofia hegeliana como apenas os mais radicais entre os jovens hegelianos fariam anos mais tarde, descobrindo a substância revolucionária subjacente na obra do filósofo. O conceito hegeliano de história era, também para Heinrich Heine, **apolítico** e como tal distante da realidade. Nas *Situações francesas*, em artigo de maio de 1832, Heine chega à conclusão memorável de que os “heróis dos novos tempos” não surgirão entre os “grandes homens” de Hegel, mas sim entre os “os povos, os partidos, as massas”;

<sup>6</sup> Lutécia é o nome romano de Paris e refere a cidade em que Heine viveu, a partir de 1831, e morreu, em 1856.

<sup>7</sup> Em carta de 24 de agosto de 1852, dirigida a seu editor Julius Campe, Heine repete o que já dissera em *Lutécia*, evidenciando com isso a fluidez dos limites entre público e privado em sua obra: “O herói do meu livro, o verdadeiro herói do mesmo é o movimento social”. (HHB, 3, p. 410)

quer dizer, na coletividade. É com certo entusiasmo (antes do desespero religioso do final de sua vida, explicado em carta de 3 de maio de 1849, dirigida ao irmão Maximilian: “Pois que haja um céu, querido Max, agora é certo, desde que necessito tanto dele em minhas terríveis dores terrenas”<sup>8</sup>) que Heine diz perceber que a consequência mais natural da destruição da crença no céu, promovida pela filosofia hegeliana, é o fim da paciência cristã das massas, que não mais poderão consolar sua miséria terrena com a esperança da fartura extraterrena e passarão a buscar o leite e o mel já na terra, aliás prometidos pela revolução social, a provedora legítima, já aqui, neste mundo, daquilo que a religião promete apenas para o outro. Ao chegar à França, Heine viu que o saint-simonismo – e suas teorias da reabilitação da carne – chamava a atenção para a mesma ventura terrena, cerceada pela promessa abstrata de um além, patrocinada por boa parte da filosofia institucional.

Heine chegou a antecipar vários dos conceitos que Marx eternizaria mais tarde. Até mesmo a famosa fórmula que vê a religião como “ópio do povo”<sup>9</sup> havia sido adiantada por Heine, mais uma vez em sua obra *Ludwig Börne*. Ali Heine escreve que a religião é o “ópio espiritual” para uma “humanidade sofredora”. (B, 4, p. 111) Se Marx disse no “Prefácio à crítica da filosofia do direito hegeliana” que a crítica da religião é o pressuposto de toda crítica, Heine a praticou já bem antes de Marx fazer sua constatação.

O texto de Heine intitulado *Ludwig Marcus* (1844) é a versão ultrasubjetiva – e simultânea – da argumentação impessoal de Marx em *A questão judaica* (1844). O assunto é o mesmo e as conclusões acerca dos aspectos positivos e negativos da emancipação judaica – na qual a filosofia de Hegel também desempenhou seu papel – são idênticas. O mesmo acontece com a interpretação heineana de Shylock na obra *As moças e mulheres de Shakespeare*.

Antes de Marx, Heine viu que tudo que é sólido desmancha no ar... Schnabelewopski, depois de ficar algum tempo distante de Hamburgo proclama: “E a cidade em si, como ela havia mudado!”<sup>10</sup> A mesma coisa acontece em “A cidade de Lucca”, quarta parte dos *Quadros de viagem*. O tempo transcorrido é menor, a mudança não: “E agora que voltei a Lucca, apenas oito dias depois, como me surpreendi com o aspecto mudado desta cidade!” (B, 2, p. 488)

Se no texto “Progresso da reforma social no continente”, de novembro de 1843,<sup>11</sup> Engels situa o princípio de uma tradição “social” em Lutero, Heine já fizera o mesmo em 1834 em *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha*. Quando Engels compara a revolução filosófica alemã de Kant, Fichte e Hegel com a Revolução Francesa,<sup>12</sup> também não faz mais do que repetir – quase *ipsis verbis*, mas cientificamente – a prosa desbragada de Heine na referida obra. Mesmo no artigo de Engels intitulado “Esboços para uma crítica da economia política”, publicado nos *Anais franco-alemães*, são repetidas algumas das constatações de Heine nos *Fragmentos ingleses*, escritos mais de quinze anos antes. Se Marx deu a seu importante estudo sobre o golpe de Estado de Napoleão III, publicado em 1852, o título de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, unindo – ironicamente – o devir histórico do sobrinho ao golpe do tio, o grande Napoleão, Heine já usara a mesma fórmula pouco depois dos acontecimentos fatídicos de fevereiro de 1848 em uma conversa com seu amigo Alfred Meissner. Heine refere-se, naturalmente, a Napoleão III, ao declarar: “A coisa não vai longe. Um golpe de Estado é um segredo público. Falam tanto dele que a gente tende a não acreditar, mas ele não tarda em dar as caras. O presidente trabalha segundo o modelo de seu tio e se

<sup>8</sup> HIRTH, Friedrich: *Heinrich Heine. Briefe in drei Bänden*. Mainz 1950, Volume 3, p. 179. A partir de agora apenas HHB, o número do volume e a página.

<sup>9</sup> MARX, Karl: “Zur Kritik der hegelschen Rechtsphilosophie“. In: *Frühe Schriften. Erster Band*. Hrsg. von Hans-Joachim Lieber u. Peter Furth. Stuttgart 1962, S. 488.

<sup>10</sup> HEINE, Heinrich: *Das memórias do senhor de Schnabelewopski*. Tradução de Marcelo Backes. Boitempo : São Paulo 2001, p. 36

<sup>11</sup> MEW, Volume 1, p. 481 e seguintes.

<sup>12</sup> MEW, Volume 21, p. 492.

precipita em direção ao 18 Brumário. É ver para crer.”<sup>13</sup> Pouco mais tarde, em 1852, Heine diria, referindo-se a Luís Napoleão, em quem até chegou a acreditar, durante algum tempo: “No que diz respeito à burrice, o Reno perdeu sua condição de fronteira.” (B, 6/II, p. 252) O poeta que sempre descera o chicote de sua crítica sobre o lombo dos nacionalistas germânicos, criticava também os franceses.

Heine falou dos comunistas provavelmente antes mesmo de Marx sequer ter ouvido algo a respeito deles, e cultivou relações com pensadores socialistas da fase inicial – Pierre Leroux, por exemplo – antes de conhecer o autor d’*O Capital*. Em 15 de junho de 1843, o poeta anota: “Sim, Pierre Leroux é pobre, assim como Saint-Simon e Fourier foram pobres. E através da pobreza providencial desses grandes socialistas o mundo foi enriquecido, enriquecido com um tesouro de pensamentos que nos abrem novos mundos de gozo e de felicidade.” (B, 5, p. 503)

Heine divulgou e se engajou pessoalmente nas idéias do socialismo primevo e seu internacionalismo, sobretudo nos contatos diretos com o saint-simonismo, que o poeta considerava “a” possibilidade de realizar o hegelianismo na prática. Em sua crítica – por vezes ácida – ao comunismo, Heine se aproxima de Marx em sua crítica ao neobabovismo<sup>14</sup> dos anos trinta e às inclinações hostis do grupo em relação à arte e seu ceticismo face ao progresso. Se Heine desceu o cacete sobre aquela tendência, Marx também a condenou. Marx chegou a escrever: “A literatura revolucionária dos primeiros movimentos é, segundo seu conteúdo, necessariamente reacionária. Ela é responsável por um ascetismo genérico e por uma tosca nivelção.”<sup>15</sup> Mesmo em 1852 – quando Heine já estava há quatro anos preso à “cova dos colchões” – o serviço de espionagem prussiano ainda noticiava que Marx era o chefe do partido comunista, que Engels era seu subchefe em Manchester e Heine seu subchefe em Paris.<sup>16</sup>

### De volta ao encontro

Dezembro de 1843 é, pois, a data do primeiro encontro entre Marx e Heine em Paris. A amizade é fulminante... Na obra de Heine, é a época de *Alemanha, uma fábula de inverno*, um dos grandes poemas épicos – satírico até a raiz – da literatura universal. Na obra de Marx é a época d’*A sagrada família* e d’*A ideologia alemã*, cujas investidas aliás tem muito a ver com os textos anteriores de Heine *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha* e *A escola romântica*.

Praticamente todas as obras de Heine escritas no ano de 1844 foram publicadas no *Vorwärts!* (Avante!), o jornal sobre o qual Marx exercia todo o valor de sua influência. Além de *Alemanha, uma fábula de inverno*, Heine publicou no *Vorwärts!* alguns poemas menores – em tamanho, não em qualidade –, entre eles “Os tecelões silesianos”, “O imperador da China” e “Doutrina”. Todas as obras heineanas de 1844 estão entre as mais engajadas que o poeta escreveu. “Os tecelões silesianos” – Heine publicou o poema em julho, no mês de agosto

<sup>13</sup> MEISSNER, Alfred: *Die Matratzengruft*. Baden-Baden 1947, p. 50.

<sup>14</sup> Doutrina social de François-Noël Babeuf (1760-1797), dito Gracchus Babeuf, um dos primeiros agitadores da Revolução Francesa, e que preconizava a igualdade entre os homens e o trabalho obrigatório para todos. O conceito “comunismo” em sua forma moderna foi codificado no final dos anos trinta do século XIX na França em meio aos círculos secretos do babovismo. Uma das primeiras provas a respeito data de 1839, quando os “Travailleurs Egalitaires” neobabovistas passaram a se autodenominar “Républicains Communistes”. (Comparar com SCHIEDER, Wolfgang: “Kommunismus”. IN: *Geschichtliche Grundbegriffe*. Vol. 3. Stuttgart 1982.) Em pouco tempo os neobabovistas eram chamados de comunistas por todo mundo.

<sup>15</sup> MARX, Karl: MEW, Volume 4, S. 489.

<sup>16</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus (org.): *Gespräche mit Marx und Engels*. Frankfurt a. M. 1973, p. 251. A partir de agora apenas GME e página.

Marx escreveu dois artigos sobre a revolta – chegou a se tornar uma verdadeira canção da classe operária, representada nos trabalhadores silesianos, que teciam no interior da fábrica não apenas a mortalha da Alemanha, não apenas a mortalha do velho mundo europeu, mas inclusive a mortalha do capital na condição de sistema. Expressões como “pátria falsificada”, que aparecem no poema, seriam tematizadas por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*. Arnold Ruge chegou a escrever que ele e Marx tiveram papel fundamental na politização da lírica de Heine, por recomendarem ao poeta que deixasse de lado suas eternas crônicas amorosas a fim de mostrar aos líricos de seu tempo como é que se lida com o verso – com o chicote... (GME, p. 41)

Privadamente, o contato entre Heine e Marx não foi menos íntimo. Heine chegava a levar seus poemas à casa de Marx a fim de discuti-los. E por vezes batia à porta do filósofo chorando, por que algum literato obscuro o atacara num jornal qualquer. Era o casal Marx quem consolava o poeta nessas ocasiões. O assunto entre os convivas era muito mais a poesia e a vida em família, do que a política. Heine, que até hoje é considerado o cínico entre os cínicos por muitos, inclusive teria salvo a vida de Jenny – a primogênita do casal Marx –, quando esta contava apenas alguns meses. Atacada por câibras, a criança estaria às portas da morte, quando Heine – com toda sua experiência diante da enfermidade e reagindo ante a impotência dos pais desesperados – disse que a menina precisava de um banho de imersão; que ele mesmo preparou, deitando a criança à água com as próprias mãos e salvando-a do trespasse iminente.<sup>17</sup> Toda a intimidade na relação entre os dois escritores é expressada em uma carta de Heine a Marx, escrita em 21 de setembro de 1844. Depois de se queixar da letra, que ele já não consegue mais controlar, devido ao mal que aflige seus olhos e trava suas mãos, Heine escreve: “pois nós precisamos de poucos sinais para nos entender!” (HHB, 2, p. 543)

Durante a adolescência, e muito antes de conhecer Heine, Marx chegou a escrever três cadernos de poemas dedicados a Jenny von Westphalen, sua futura esposa, dos quais o primeiro levava o título de *Livro das canções* (Buch der Lieder) exatamente como a primeira das obras de Heine e por ela inspirada. Um quarto caderno continha dois fragmentos de romances dedicados ao pai. Assim como Heine, Marx também tentou estabelecer-se na sociedade alemã, na condição de professor universitário, coisa que lhe foi negada pelo reacionarismo germânico assim como a Heine. Depois disso ambos tentaram a imprensa, Heine sem, Marx com êxito, pelo menos temporário. Mesmo depois de ter sido expulso de Paris,<sup>18</sup> Marx não deixaria de mandar cumprimentos de sua esposa à esposa de Heine.

Também através da intervenção de terceiros o contato entre Heine e Marx se mostra assaz estreito. O jurista judeu Eduard Gans levou tanto o poeta quanto o filósofo a conhecer a Filosofia do Direito de Hegel, em Berlim. Marx apresentou o escritor Georg Weerth a Heine, e os dois se tornaram amigos. O secretário de Heine, Richard Reinhardt, era um dos grandes correspondentes de Marx, além de membro da “Aliança dos Comunistas”.

Não pretendo chegar aqui ao positivismo de especular uma tataravó comum aos dois escritores, conforme fez Heinz Monz no texto “Karl Marx e Heinrich Heine, parentes?”<sup>19</sup> Sobretudo por que isso não deporia nada acerca da obra, ao contrário, por exemplo, do fato de ambos serem judeus... Porém os contatos entre Heine e Marx denunciam inclusive uma proximidade estilística, visível no uso de incontáveis palavras e expressões estrangeiras, e na acidez muitas vezes irônica da crítica dos dois autores. O sociólogo e historiador russo Maksim Maksimovich Kovalevski chega a dizer que Marx havia bebido seu imenso talento para a sátira espirituosa na fonte de Heine, através da convivência íntima com o poeta. (GME, p. 481) A

<sup>17</sup> Ver relato de Eleanor Marx-Aveling, filha de Marx em GME, p. 42.

<sup>18</sup> Heine só não foi expulso junto com Marx porque a lei não o permitia, uma vez que o poeta havia nascido na Westefália, nos tempos em que esta se encontrava sob o domínio francês de Napoleão, o que lhe dava o direito – não-reivindicado – de cidadão francês. Heine expressou sua fúria contra o degredo de Marx em várias cartas...

<sup>19</sup> MONZ, Heinz: “Karl Marx und Heinrich Heine verwandt?”. *Jahrbuch des Instituts für Deutsche Geschichte der Universität Tel Aviv* 2, 1973. p. 199-208.

crítica ferina de Marx em obras como *A sagrada família* e *A ideologia alemã* – escritas, em boa parte, durante o tempo em que ambos conviveram juntos em Paris – lembra de perto a crueza de Heine na abordagem do “opponente”, sobretudo nas obras já referidas *Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha* e *A escola romântica*, nas quais o poeta se comporta – aliás é assim em toda sua obra – como um caçula irreverente na ponta da mesa de um almoço em família, falando com desassombro e ao correr da pena de parentes e antepassados, literários e filosóficos... Aos que o acusaram de “tolice” por causa disso, Heine respondeu, no final da vida, retrabalhando em versos uma citação de Lutero, sancionada pelo grandioso Lichtenberg, acerca da necessidade da mesma tolice no devir do sábio:

Criada prenha, filho por nascer...  
Por que esse carpimento todo?  
Quem na vida nunca foi tolo  
Sábio jamais haverá de ser. (B, 6/I, p. 327)

O que Marcel Herwegh, filho do poeta Georg Herwegh, escreve acerca de Marx é, ademais – cuspidado e escarrado, ou esculpido em mármore de Carrara –, aquilo que muitos disseram acerca de Heine: “o sarcasmo com o qual ele perseguia seus inimigos de maneira implacável não era o sarcasmo de um burguês, cortava friamente como o machado do carrasco”. (GME, p. 20)

Marx sempre alegava que os escritores eram tipos esquisitos e não podiam ser medidos segundo escalas convencionais ou julgados como homens comuns. O respeito que ele dedicou a Heine fê-lo perdoar os defeitos do poeta, bem como suas relações com a alta burguesia de Paris. E Heine fez por merecê-lo... Quando Marx publicou sua “Introdução à crítica da filosofia do direito hegeliana” nos *Anais franco-alemães*, Heine continuou ao lado dele – inclusive colaborando no *Vorwärts!* –, ao passo em que outros jovens hegelianos, entre eles o velho colega Arnold Ruge, desertaram, intimidados.<sup>20</sup> Feuerbach, o grande crítico da religião, por sua vez, desde o início não aceitou colaborar com a revista, por não acreditar em uma solução revolucionária para a Alemanha.

Mesmo depois de já estarem distantes – sobretudo geograficamente – Marx pedia, em cada oportunidade e de maneira até insistente, informações sobre Heine. Em carta de 26 de outubro de 1847, Engels dá as referidas informações, e chega a mencionar o poeta nas palavras “père (pai) Heine”. E assim, Heinrich Heine continuou presença constante tanto na obra quanto na epistolografia dos dois autores. Atta Troll – o urso “revolucionário” do poema épico de Heine – ainda compareceria em várias das cartas entre Marx e Engels, como símbolo de certo tipo de democrata pequeno-burguês alemão, fingida e espasmodicamente revolucionário. Se na *Ideologia alemã* – escrita nos tempos em que poeta e filósofo ainda estavam próximos – Marx e Engels louvam a nonchalance e a genialidade de Heine na compreensão de seu tempo, Engels ainda diria, bem mais tarde, que o poema “Os tecelões silesianos” é a canção revolucionária de maior força impulsiva, tanto humana quanto poeticamente, de todos os tempos. O social-democrata Henry Mayers Hyndman conta que em 1881, quando encontrou Marx em Londres, este ainda teria pedido para que lesse em voz alta aos convivas ingleses alguns poemas de Heine, porque eram “o que há de melhor na produção poética de todos os tempos em qualquer língua do mundo”. (GME, p. 522)

Heine ainda chamaria Marx “de meu amigo Marx” nas *Confissões*, perto do fim da vida, assim como Marx ainda o chamaria de “meu amigo Heine” no *Capital*, louvando a coragem crítica do já finado poeta... Uma coragem que continuaria viva mesmo nas últimas poesias de Heine, sobretudo em peças como “O navio negreiro” ou “Os ratos nômades”. Na primeira delas, um capitalista inescrupuloso – perdão pelo pleonismo! – transporta seiscentos escravos da África para o Brasil. O que lhe interessa na “mercadoria negra” é,

---

<sup>20</sup> Ruge inclusive acabaria ao lado do chanceler Bismarck, mais tarde.

exclusivamente, o lucro maior que ela lhe alcançará, se comparada com a borracha, a pimenta ou o marfim. O final do poema é cruel: “Ganho oitocentos por cento / Se a metade deles chegar viva.” (B, 6/I, S. 195) Na segunda, Heine delinea todo o medo da burguesia diante da marcha inclemente do proletariado faminto. Se Heine recomendou – amargurado – nas *Confissões* que seu “obstinado” amigo Marx lesse a Bíblia a fim de aprender com suas histórias, sobretudo com a do rei babilônio Nabucodonosor, que se tomava por um Deus e foi derribado miseravelmente ao chão, rastejando como um animal, o mesmo Heine diz que em certa época de sua vida acreditava ser um Deus e menos de um ano antes de sua morte ainda chama-se a si mesmo de Nabucodonosor nas cartas à Mouche, sua última amante, a mosca – a moça – que se sentiu atraída pelo cheiro das carnes de seu (quase) cadáver...

Assim como Marx, Heine percebeu desde logo que os “interesses do capital” se tornavam cada vez mais poderosos frente aos “interesses da humanidade”. Com Heine – antes de Marx – a filosofia alcançou o terreno do concretude. Arnold Ruge chegou a escrever que Heine disse não dar nenhuma atenção à filosofia “por que não podia comê-la”. (GME, p. 41) Materialismo, emancipação e secularização – ainda que, na condição de artista, Heine jamais tenha deixado de se mostrar sensível para os fenômenos do sagrado – eram para ele os fundamentos de uma conduta ultrasubjetiva, mas nem de longe “ideologicamente alemã”.

O fetiche exercido pelo dinheiro e – mais que isso – a relação íntima mercadoria-dinheiro-homem, Heine os desmascarou já em 1826, na terceira parte de “Mar do Norte”, uma das seções de seus *Quadros de viagem*. Lá está escrito, e a semelhança com o discurso de Marx sobre o dinheiro n’*O capital* é pra lá de surpreendente:

As pessoas amam tão profundamente o dinheiro e por certo o contemplam com tanto amor que seus filhos muitas vezes nascem com os traços do príncipe que as governa, cujo retrato aparece cunhado sobre o mesmo, de modo que o pobre príncipe cai sob suspeita de ser o pai de seus súditos. Os Bourbon tiveram boas razões para mandar derreter os Napoleões d’ouro; eles se negavam a ver tantas cabeças napoleônicas entre os franceses. A Prússia é o país que foi mais longe no que diz respeito à política de cunhar moedas. Os prussos souberam, através de uma estudada mistura de cobre, fazer com que as faces do rei sobre as novas moedinhas fiquem logo vermelhas, de modo que de uns tempos para cá as crianças na Prússia apresentam um aspecto bem mais saudável do que no passado. (B, 2, p. 217)

Em ensaio de 20 de março de 1843, compilado em *Lutécia*, Heine mostra perceber com nitidez inclusive a ascensão da indústria cultural na comercialização da música, na moxinifada entre management e concerto, publicidade e interpretação. O rico agente musical Dessauer era, para Heine, o melhor exemplo dessa confusão e também por isso ele o ataca de maneira inclemente, chamando-o de “capitalista musical” que, em atividades paralelas, devido ao velho hábito da troca mercantil, dava tudo por um negociozinho. (B, 5, p. 118) Dessauer era, para Heine, o testemunho mais confiável do crescente conflito entre moeda e arte.

No artigo de oito de maio do mesmo ano Heine declara a tentativa de descobrir “o pensamento da época”, “o cunho de nosso tempo”, seu “traço metamórfico característico”. (B, 5, p. 480) O trecho termina num questionamento assaz crítico: “Será que o espírito da burguesia, o industrialismo, que ora domina toda a vida social da França, já conseguiu penetrar tanto no campo das artes plásticas a ponto de fazer com que todas as pinturas de hoje mostrem o brasão desse novo poderio?” (B, 5, p. 481)

Heine caracterizou não apenas “a arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, mas também a crise social, a relação íntima entre miséria, depravação e agressividade na sociedade de seu tempo. A concretude, a visceralidade de Heine na análise de seu tempo era tanta que o escritor Gustav Pfizer chegou a dizer – cheio de crítica! – que o humor, que o estilo de Heine “materializa” tudo, que até os pensamentos mais abstratos são transformados no “materialismo mais nojento” em seu texto. (B, 6/II, p. 458)



Se Heine dizia que o dinheiro era o deus da época, o banqueiro Rotschild era – para Heine – seu melhor profeta. O poeta lograva perceber até mesmo o movimento fetichista do capital nos sentimentos do banqueiro. O rosto do barão era o termômetro de toda uma era:

O senhor de Rothschild, que parecia indisposto há algum tempo, voltou a estar em forma e exala saúde por todos os poros. Os indicadores da bolsa, que podem ser tão bem compreendidos na fisionomia do grande barão, nos garantem que as andorinhas da paz constróem seus ninhos no sorriso do homem, que qualquer preocupação relativa à guerra sumiu de suas feições. (B,5, p. 354)

Procedendo de maneira rigorosamente histórica, Heine diz querer trazer ao público a história que ainda não virou História, o cotidiano e seus mistérios. A notícia – os ensaios de *Lutécia* são artigos de jornal escritos na França e publicados na Alemanha – se funde ao comentário, a novidade à reflexão; o olho fixo no passado anuncia o futuro.

### A título de arremate

Heinrich Heine foi o primeiro poeta verdadeiramente cidadão na floresta romântica alemã. A contradição, o dilaceramento foram suas maiores características. O mesmo Heine que freqüentava os salões da aristocracia monetária parisiense é o autor de várias poesias revolucionárias. Se o artista se negava a aceitar um governo da plebe, o crítico social reconhecia sua necessidade. A distância que Heine por vezes gosta de mostrar é aquela do Tambor que marcha à frente do batalhão. O que o poeta não admitia era o trator da nivelção, pregado e conduzido pelos babovistas. Em *Lutécia* ele escreve: “É verdade que somos todos irmãos, mas eu sou o irmão maior e vós sois os irmãos menores e a mim cabe a porção mais significativa”. (B, 5, p. 328) Cinco páginas adiante o mesmo Heine diz: “De tanto ódio aos nacionalistas eu quase que amo os comunistas. Pelo menos eles não são hipócritas”. (B, 5, p. 333)

Ao rimar bois (“Ochsen”) com ortodoxos (“Orthodoxen”), Heine se mostrou pioneiro também na luta contra aquilo que Nietzsche chamou de “nacionalismo de guampas”. Até mesmo a sentença nietzscheana que proclamava a morte de Deus, Heine a profetizou nos versos do *Livro das canções*:

Mas agora tudo se mostra deslocado,  
É um tal acotovelar-se! Uma penúria!  
O senhor Deus morreu, lá em cima,  
E cá embaixo morreu também o diabo. (B, 1, p. 127)

No momento em que Heine revelou o “segredo escolástico” da filosofia alemã em suas *Confissões* (B, 6/I, p. 466), ele mesmo reconheceu definitiva e materialisticamente que Deus estava morto e que os homens tinham de tomar seu destino em suas próprias mãos. Quando aborda sua própria “conversão”, a partir de 1848, ano em que a paralisia geral o amarrrou – também definitivamente – à cova dos colchões, o poeta ainda demonstra coragem para dizer: “se eu agora voltei a ter um Deus, foi apenas para, no excesso da dor que me aflige, poder me permitir um punhado de blasfêmias: ao ateu um bálsamo desses não é concedido.”(B, 6/II, p. 221) Heine mostra-se grandioso o suficiente para confessar que se tornou conservador por angústia, e dizer que sabia estar involuindo – caindo para trás – em seu pensamento, conforme escreve em uma carta ao amigo Gustav Kolb. (B, 6/II, p. 213)

No posfácio ao *Romancero* – o maior posfácio entre os vários que o poeta escreveu – Heine ridiculariza a visão geral do paraíso ao dizer que os groenlandeses só poderiam se sentir felizes caso encontrassem focas por lá, referindo indiretamente, que a corporeidade, o gozo terreno teria de ser bem grande no céu para satisfazê-lo, e que ele só abriria mão de seu

corpo – ainda que flagelado – contra a vontade. Esse posfácio é, assim como todos os outros escritos de Heine, confessional, e deixa claro que, mesmo depois da divulgada “conversão”, Heine continuou o mesmo. Em carta a seu editor, na qual comentava a edição de suas obras completas, o poeta escreveria:

por mais perto que eu tenha chegado da divindade, o céu continua bastante afastado de mim; não acrediteis nos boatos que contam por aí e divulgam que eu me tornei uma ovelhinha devota. A transformação religiosa que se realizou em mim é apenas espiritual, mais um ato do meu pensar do que do meu sentir bem-aventurado.

E, logo após esse trecho, a prova definitiva de que Heine jamais sacrificaria sua produção poética, aquilo que desde o princípio lhe foi mais caro, apenas para responder à referida “conversão”: “Digo isso sobretudo com a intenção de que não cogiteis a possibilidade de eu querer, de maneira não livre, eliminar alguma coisa do que escrevi na edição completa de minhas obras, quod scripsi, scripsi.” (HHB, 3, S. 217) Aquilo que escrevi, está escrito! De modo que no fim de sua vida Heine precisava tanto de ópio quanto de religião, quer dizer, tanto de ópio medicinal para aliviar as dores de seu corpo, quanto de ópio espiritual para aliviar as dores de sua alma... Em uma carta a seu irmão Maximilian, o poeta escreve que um “verme pisoteado”, que se revolve no chão, não tem mais forças para encarar de frente a imensidão do céu. (HHB, 3, S. 180) A Arnold Ruge, Heine teria dito: “Já que preciso de muletas, vou à Igreja; se não precisasse delas, iria ao prostíbulo!” (GME, p. 41)

“*Armer Lazarus*” (pobre lázaro), assim o poeta se automeava no final da vida... e foi de sua dor que nasceu sua melhor poesia. Pessimistas, seus poemas soavam começar numa louvação das mais ternas para acabar em terrível golpe; em harmonia vital para, num grito de dissonância, terminar no fio do machado. Assim como Aristófanes – Marx já fez a mesma comparação – Heine revelou os quadros mais terríveis da loucura humana usando tão-somente o espelho gargalhante do chiste. Heine fez de si mesmo o sol de um sistema planetário representado pelo mundo à sua volta. Se foi acusado de ser mero improvisador por alguns, de fazer nada mais que criar sentimentos e inventar dores, sua própria vida e seu terrível fim já testemunham o contrário. Se alguns de seus versos parecem artificiosos, é pelo fato de que o sentimento – que se eleva doloroso em sua poesia – perdeu a confiança em si mesmo e trabalha no esfriamento artificial de seu próprio calor, tornando a inverdade dessa frieza perceptível na casca, ainda que na realidade o poeta queime por dentro. Já se nota – nesses versos de Heine – o que Fernando Pessoa viria a conceituar meio século mais tarde:

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.<sup>21</sup>

A dor real de Heine – íntima e materialisticamente ligada ao declínio de sua época –, nem por isso foi menor. Em sua poesia, Heine soube unir de maneira orgânica as teorias do progresso histórico com seus próprios **sentimentos** e seu penar diante da sociedade; e a partir disso fez a crítica – sempre ácida – de seu tempo. Até mesmo na briga com o primo e os cunhados pela herança do tio rico – o banqueiro Salomon Heine – o poeta deixou claro que a censura chantagista da família era um produto legítimo – e ameaçador – da sociedade capitalista, que punha correntes à criação do gênio na tentativa de preservar uma imagem duvidosa.

---

<sup>21</sup> Ver BACKES, Marcelo: *A arte do combate*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 136. No livro continuo minha análise sobre Heine, dando vários exemplos acerca de sua combatividade, privada e pública...

Lukács une o sofrimento subjetivo de Heine ao destino miserável do período pós-revolução de 1848, e diz que o desespero do poeta não é um desespero privado, mas sim o desespero do sujeito em relação ao andar do mundo, ao desenvolvimento da humanidade, ao destino da revolução.<sup>22</sup> Se o lirismo subjetivo de Heine é – de fato! – a melhor fonte para compreender a sociedade objetiva da época, Lukács chegou a dizer que a vida do poeta reflete exemplarmente o martírio – inclusive físico – do artista na sociedade capitalista.

O ouvido poético de Heine era pra lá de afiado, tanto que, da cova de seus colchões, o bardo logrou escutar os sinos fúnebres de sua época, recriando-os poeticamente ao retratar sua própria – e miserável – situação. Ao fim e ao cabo é como se Heine quisesse dizer que se o homem tem de sucumbir na crença em um mundo melhor, então esse mundo tem de ser explicado sob o foco da enfermidade... da sua própria – e profunda – enfermidade...

---

<sup>22</sup> LUKÁCS, Georg: „Heinrich Heine als nationaler Dichter“. In: *Deutsche Realisten des 19. Jahrhunderts*. Bern 1935. Citado por B, 6/II, p. 38.